RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Gottfried, Karl Kindermann, ed. *Sun Yat-sen: founder and symbol of China's revolutionary nation-building.* Günter Olzog Verlag, Münschen, Wien, 1982.

Envia-nos a editora alemã Günter Olzog Verlag GMBH, de Münschen, a publicação coordenada por G. K. Kindermann, abrindo a série de obras que constituirão a tentativa de uma interpretação sintética do Oriente e Ocidente feita por eminentes especialistas.

Para dar uma idéia da coletânea desses ensaios, sumariamos:

Parte 1 — Sun Yat-sen e as causas da revolução republicana chinesa.

Cap. 1 — Encontros interculturais e sua assimilação, por Mohamed Rassem.

Cap. 2 — O desafio imperialista — a China do século XIX, por G. K. Kindermann.

Cap. 3 — Sun Yat-Sen: o profeta armado da China do século XX, idem.

Seguem-se numerosos capítulos de Chin Hsião-Yi, Hsu Chi-Wei, Corina Hana, Jörgen Unselt, Z. Schiffrin, Jürgen Domes, Marie-Luise Nath e outros escritores, versando os aspectos diversos da história cultural e os efeitos da Revolução, os sincretismos ideológicos gerados pelo pensamento marxista, o nacionalismo interintegrativo, as estratégias políticas originais para enfrentar os percalços e desafios das ideologias em conflito, a formação de novas lideranças que permitam a interpenetração, preludiando formas pacíficas do entendimento Este-Oeste, que, aliás, é o lema da série cujo primeiro volume é o que ora resenhamos.

Evidentemente que esta singela notícia não pretende sumariar sequer a variedade de motivos, aspectos e temas que oferecem os seus ilustres colaboradores.

A seleta e opulenta bibliografia que acompanha o volume é atualizadíssima — e mostra ao leitor a variedade das fontes de que se valeram seus autores.

Fundação Centro de Formação do Servidor Público, ano 39, v. 110, nº 2, abr./jun. 1982.

O esmero da publicação que agora nos chega às mãos corresponde à fina seleção dos que colaboram neste exemplar da *Revista do Serviço Público,* editada pela Funcep sob a direção geral de D. Corina Pessôa de Abreu Jardim.

Abre o número a tese do Prof. Almiro do Couto e Silva — "A responsabilidade do Estado no quadro dos problemas jurídicos resultantes do planejamento" — tese que foi aprovada. unanimemente, no III Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, em Canela, no Rio Grande do Sul, em setembro de 1981.

Mostra-nos o autor que, apesar dos instrumentos engenhados para cercear o poder estatal (quase todos imaginados no sentido de fortalecer, nos tempos de Montesquieu e dos ideólogos em luta com o *ancien régime*), "nunca se verificou tão impressionante crescimento da área de atuação do Estado, mesmo nos regimes mais marcadamente democráticos e liberais".

Tal observação ressalta a cada passo no nosso dia-a-dia político.

"O homem moderno — diz a tese — é extremamente dependente da Administração Pública nos grandes centros urbanos."

De fato, nada melhor que isso. O problema, porém, é o mecanismo honesto do desenvolvimento desses serviços, sem que se desenvolvam essas áreas ou interstícios de *lages privatae*, a que tão bem se referiu o Sr. Couto e Silva.

Não vamos comentar aqui o tema, que radica na teoria de divisão de poderes de Montesquieu. Enquanto o conservantismo social e político renegava Rousseau, como sonhador perigoso do igualitarismo, Montesquieu foi o teórico do século XIX, que veio para equilibrar as ideologias em conflito e aquietar os espíritos constitucionais. Todo um mundo de idéias se agita nessas rápidas alusões. Mas a tese prossegue, fecunda em sugestões, e resta-nos apenas apontar ao estudioso o rumo de sua leitura meditada e ilustrativa.

Ainda sucedem à tese numerosos ensaios, todos valiosos, cujo estudo encarecemos, certos de que prestamos excelente informação bibliográfica aos nossos leitores.

Melo Franco, Afonso Arinos de. *Amor a Roma.* Rio de Janeiro, 1983.

Se não conhecêssemos, de longa data, a vida política e intelectual desse grande brasileiro que é Afonso Arinos de Melo Franco, este resenhador poderia começar esta resenha com palavras de surpresa pela densidade histórica, literária, jurídica, cultural desta notável obra.

E aludimos aqui apenas às dimensões mais evidentes do trabalho.

Nele se verifica, a cada passo, a íntima aliança entre o estudo e a observação.

O que o autor *vê* na paisagem romana não é o que milhares de turistas, mesmo medianamente alfabetizados, *vêem*. A perspectiva que se desata aos seus olhos, iluminando sua visão, transmite-se ao leitor através da sua força de escritor, singularizando-lhe a obra. Obra que abrange o itinerário cultural daquele povo de excepcional perfil na história do mundo.

Irrisório seria tentar, nesta modesta notícia, destacar aspectos (íamos escrevendo *quadros*) dessa viva sucessão erudita e artística de *momentos*, que constituem o panorama de *Amor a Roma*.

A grande variedade de fontes clássicas que inspirou Afonso Arinos evidencia sua profunda formação humanística.

Pressente-se, a cada passo, que não são clássicos citados de segunda mão, mas resultantes do manuseio direto de boas edições recolhidas à sua biblioteca, pois, estudioso que, nas suas viagens e permanência na Europa, soube adquirir publicações autênticas.

Em algumas notas de rodapé, ressalta mesmo a linhagem da família ilustre na transmissão de livros, herança de raridades bibliográficas, que atestam o humanismo clânico.

O resenhador desta obra se vê na dificuldade de fixar-lhe aspectos especiais — porque ela se desdobra tão harmoniosamente aos olhos do estudioso que o próprio autor, sentindo-lhe a harmonia, não lhe cortou a unidade em capítulos numerados: projetou-a como um poema de alta e luminosa estesia.

Bagolini, Luigi. *O Trabalho na democracia.* Universidade de Brasília, 1982.

Com prefácio do Prof. Miguel Reale, a Universidade de Brasília editou o livro *Filosofia do trabalho*, de autoria do Prof. Luigi Bagolini, da Universidade de Bolonha.

Entendeu o Prof. Bagolini — e entendeu bem — que o tema devia ser abordado pela prévia discussão do significado de *trabalho, filosofia e ideologia,* a fim de tomar posição e encaminhar o esclarecimento do curso, que o livro resumiu.

De fato, "o problema fundamental não é distinguir *tout court* — diz o autor — entre ideologia redutível a engano e ideologia que não seja redutível a engano". A nosso ver, tal hesitação, erigida em "problema", nem vale a pena de cogitar-se. Também não adianta considerar a finalidade prática e o interesse incondicionado a que se refere o ilustre professor.

Numerosos quesitos continuam aflorando no discorrer do Prof. Bagolini, que demonstram sua alta capacidade pesquisadora no plano teórico — e somente a leitura de suas páginas poderia dar ao estudioso a idéia do valor de seu livro.

De Kant a Croce, vários pensadores de eminência no itinerário filosófico depõem nas interrogações suscitadas a respeito da significação filosófica do trabalho no processo social de desenvolvimento humano.

Mas não se trata de pairar no domínio da especulação pura: o autor enfrenta questões práticas, na ordem jurídica e política da atualidade, para cujo debate invocamos a atenção dos estudiosos.

Cascudo, Luís da Câmara. *Flor de romances trágicos.* Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1983.

Mais um livro do grande folclorista do nordeste Luís da Câmara Cascudo. Inútil querer acrescentar qualquer outra referência qualificativa desse infatigável e admirável compilador e analista das coisas daquela área do Brasil. Nenhum outro se lhe equipara no estudo acurado, no conhecimento acumulado. Na honestidade da pesquisa.

Desfilam nestas páginas perfis de cangaceiros nas estrofes de cantadores famosos — Antonio Silvino, Jararaca, Moita Brava, Jesuíno Brilhante, Cabeleira, etc. — e registro de crimes bárbaros, típicos daquela violência que ficou nos anais daquelas regiões tumultuosas.

Resistimos à tentação de transcrever as palavras de Cascudo e as estrofes dos vates sertanejos que enriquecem este volume da Editora Cátedra. Mas

apontamo-lo, encarecidamente, ao leitor estudioso, certo de prestar-lhe valioso benefício.

Coelho, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil.* Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

Quem ler os relatos brevíssimos dos nossos compêndios não pode absolutamente compreender — ou melhor, *sentir* — o significado do esforço do Brasil nascente para repelir a invasão do capitalismo holandês em Pernambuco. Só esse *Diário* do irmão do grande cabo de guerra que foi Matias de Albuquerque pode insinuar no coração nacional o que foi a série de refregas para desocupar o Nordeste dos invasores da Companhia das Índias Ocidentais.

O narrador foi testemunha dos fatos narrados. E a minúcia da narrativa quase diuturna põe aos nossos olhos a bravura de uma gente admirável, onde já pulsava a mais vigorosa fibra patriótica.

"Guerra resistência" — chamaram-na. Não é possível, mesmo numa resenha, esquivar o sentimento patriótico que nos empolga quando percorremos o dia-a-dia das anotações de Duarte Albuquerque, anotando os "entreveros" dos sucessivos encontros com os invasores batavos. O papel que desempenharam os "capitães de emboscadas", os guerreiros que se especializaram na tática de guerrilhas contra forças superiores, foi a criação de formas de luta inspiradas nas condições emergentes — e que pode conter e repelir à tentativa da Companhia expansionista.

Perpassam, à luz daquelas notas simples e verídicas, o perfil de Calabar, de quem alguns escritores, como Assis Cintra e outros, quiseram apagar a mancha de traidor. Mas, observado no seio da luta que se travou, aparece o perfil do trânsfuga — e não há defesa que o absolva. Em compensação, um Henrique Dias, um Camarão, um Vidal de Negreiros, um Soares Moreno são vultos que jamais serão confundidos naquele movimento de redenção do solo.

Que o leitor procure o livro. Esta resenha não pode escapar ao sentido patriótico que se insinua em nossas palavras, dando-lhe um tom marcadamente educativo.

Gouveia, Fernando da Cruz. *Uma Conjuração fracassada.* Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.

Este volume compõe-se de três estudos seriamente fundamentados de autoria do historiador Fernando da Cruz Gouveia, que brilhantemente venceu no concurso da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, com uma sólida obra biográfica em três volumes sobre *Oliveira Lima.*

Primeiro, registramos nosso louvor à Fundação responsável pela elaboração de recentes e excelentes obras em torno de teses históricas e culturais do passado do Recife. Naquela brava província acordou a consciência nacional com toda a intensidade integrativa na defesa do território: já escrevemos nestas resenhas a notícia da publicação do *Diário* de Duarte de Albuquerque Coelho, que ainda hoje nos fala ao coração de brasileiro.

No presente livro do Prof. Fernando da Cruz Gouveia, estuda-se, no primeiro ensaio, o "Conflito de poderes em Pernambuco, de 1893" — e o leitor

é guiado por um conhecedor emérito no emaranhado de intrigas políticas e agitações que envolveram a grande figura de Alexandre José Barbosa Lima: sua nobre estatura de valor e dignidade ressalta no meio dos acontecimentos neste perfil traçado com perícia e nitidez.

Ainda mais nos prendeu a atenção o ensaio seguinte, versando a transferência da Faculdade de Direito de Olinda para o Recife.

O autor transcreve cartas, comunicados, artigos de jornal, requerimentos, decisões da Congregação e dos Ministros de Pedro II — e, através de todas as manifestações oficiais e políticas, o leitor pressente o ambiente acadêmico nas condições que preludiaram e que se seguiram à república.

Mais uma vez avulta a ação moralizadora e dignificante de Pedro II, interessado na seleção dos professores e na formação intelectual dos jovens. Maliciosamente anota o autor o movimento adesista das Congregações às novas instituições republicanas, citando o Dr. Braz Florentino, autor prestigiado ideologicamente pelo monarca...

Mas paremos a resenha neste ponto onde vem a pêlo a fraqueza moral que, a cada estremecimento da história, dá-nos as informações sobre a pusilanimidade dos homens.

Padilha, Tarcisio Meirelles. *Uma Filosofia da esperança.* Rio de Janeiro, Pallas, 1982.

Com o prefácio do saudoso Prof. Hans Luduwig Lippmann, o Prof. Tarcisio Meirelles Padilha publicou, sob o título de *Uma Filosofia da esperança,* um conjunto de ensaios que lhe confirmam o renome e prestígio intelectual de que goza entre os que, no Brasil, se dedicam aos estudos especulativos. Convém ouvi-lo em sínteses como esta:

"Hoje, grande parte dos filósofos se capacitou de que *teoria* e *práxis* hão de estar presentes ao longo do processo filosófico, como o côncavo e o convexo não se definem a não ser um em função do outro." A dialética do exemplo é sugestiva. Adiante, adverte:

"Somos tentados a discernir as filosofias que se estruturam sistematicamente daquelas que preferem palmilhar as trilhas sinuosas da subjetividade. No primeiro caso, surgem muitas vezes lastreadas na racionalidade, admitindo o valor quase diria carismático da razão.

A verdade histórica manda que se diga, porém, que a razão erigida em critério supremo do filosofar não esgota as possibilidades da filosofia."

Esse caráter carismático da razão minusculizada é o sinal de sua configuração histórica. Cada época vai mudando a fisionomia da razão, que, variando, é a mesma — como o indivíduo, que se observa mudando sempre sem perder a identidade de ser o mesmo. Se não, como poderia haver o "diálogo metafísico pressupondo o autoconhecimento"?

Outra boa tese do Prof. Tarcisio: a de que as idéias formam a arquitetura inteligível do real. Assim, nossa cosmovidência é plasmada nessa vidência vital.

Em páginas adiante, sempre arguto e penetrante, o autor faz conjecturas sobre Kierkegaard, a angústia e a morte. O resenhador deste excelente livro confessa sua idiossincrasia àqueles temas, mas gostou das suas páginas, porque provocam novos pensamentos — e acordam novas conjecturas. Isso é a

marca do que *ensina verdadeiramente a pensar,* dom que escasseia na maioria dos que se dizem professores da filosofia.

Que o leitor desta resenha vá atrás do livro — se lhe interessam as boas páginas especulativas do Professor Tarcisio Padilha.

Paim, Antonio, org. *Pombal e a cultura brasileira.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

Reunindo ensaios vários — Antonio Paim, Adolfo Crippa, Duarte Klut, Adão Lara, Elpido M. Cardoso, R. Velez Rodrigues — a Editora Tempo Brasileiro lança ao mercado a obra *Pombal e a cultura brasileira,* digna de atenta leitura dos estudiosos. São enfoques de mestres sobre o perfil cada vez mais vivo e significativo do grande marquês.

Em poucas linhas de apresentação, o organizador da compilação, com muita nitidez, faz logo sentir as conseqüências da reforma pombalina abrindo rumos novos ao avanço da cultura lusitana anquilosada na tradição que dominara as instituições pedagógicas peninsulares.

Antonio Paim mostra que aquele ciclo renovador não irrompeu subitamente. Teve seus prenúncios — e seu ideário define-se em três marcos — a criação em 1761 do Colégio dos Nobres, a Reforma Universitária, em 1772, e encara, em 1810, a organização da Real Academia Militar do Rio de Janeiro, por D. João VI, como um dos efeitos da profunda ação política do Conde de Oeiras.

É nesses séculos de XVII e XVIII que se precisa a autenticidade social da ciência, como ensina Joseph Ben-David, citado pelo Prof. Paim.

Este caracteriza a evolução da *mentalidade cientificista* em três fases: o ciclo pombalino, a do positivismo e a que vestiu a ideologia marxista.

Não cabe nestas linhas, que apenas resenham aspectos do livro, análise mais detida das intenções dos ilustres colaboradores; mas não podemos deixar de destacar para estudo do leitor o ensaio do Prof. Adolpho Crippa — "O Conceito de filosofia na época pombalina", que constituiu uma comunicação do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia (Braga, em 1891).

Monteiro, José Lemos. *A Serra do Arco-íris.* Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desportos, 1982.

O que justifica a notícia dessa novela nesta resenha de natureza política é a sua natureza política: no fundo, está latente o conflito de ambições que movem a expansão colonialista, encaradas num clima de "realismo fantástico". Sente-se a realidade das competições numa atmosfera de fantasia — e ressalta o mais alto sentido poético, que prende o leitor.

Foi o que reconheceu na orelha do livro, e em poucas palavras de grande lucidez crítica, o escritor cearense Moreira Campos.

A primeira experiência literária do autor já revela essa tendência pelos temas crepitantes da atualidade — e só o título nos revela a vocação: *A Valsa de Hiroxima,* que já vai a caminho de uma terceira edição.

Não conhecemos esse livro, embora, pelo atual, possamos adivinhar os compassos daquela miserável valsa, que o mundo ouviu assombrado. Disseram os diretores da orquestra que a bomba seria o ponto final da partitura trágica. O baile, porém, continua sem qualquer sinal de cansaço dos maestros.

Cremos que essas considerações são suficientes para evidenciar duas coisas: a razão de resenhar o livro nestas páginas destinadas a paladares políticos e provocar atenção dos leitores para leituras que, no domínio da literatura, são reflexos dos motivos que constituem preocupação dos estudiosos da ciência política.

Por estas palavras, já se vê que se trata de um jovem que estuda problemas sérios, com cursos de Lingüística e mestrado em educação, bacharel em direito, licenciado em letras, e atualmente professor na Faculdade de Letras da UFC.

Estudos Leopoldenses. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1982.

Dentre os excelentes ensaios que compõem este nº 69, vol. 19, da revista *Estudos Leopoldenses,* que agora nos chega às mãos, destacamos, sem cometer injustiça aos demais ensaios, o magnífico trabalho do Pe. Milton Valente, o grande autor das mais claras e didáticas gramáticas latinas que beneficiaram nossos estudantes de outrora.

Referimo-nos ao estudo intitulado "A *Oikeiôsis* em Cícero" — e desde os primeiros trechos se constata o pulso do vigoroso humanista que os escreveu. O que nos explica sobre o instinto vital — *prôtê órmé* — acompanhado de uma percepção fundamental, "uma espécie de conhecimento e consciência de si mesmo" — *systasis* — tem conseqüências especulativas notáveis. Compreende-se o que escreve o autor logo adiante, quando nos fala num "equipamento autofinalizado — *to oikeion*", que, sob o nome de *oikeiôsis,* se tornou norma fundamental da moralidade estóica.

Nesta singela resenha não podemos demorar em considerações sobre a assimilação feita pelo estoicismo entre as inclinações biológicas e as racionais, designadas pelo conceito da *órmê.* Cremos que na ótica dessa semântica, que assimilava as duas notas, influía a interpretação ciceroniana já sensível ao estoicismo que se renovava no calor das novas escolas helenizantes. Esse tímido palpite — perdoe o Pe. Valente — é do resenhador, que não passa de humilde e ignorado discípulo sempre pronto a ouvi-lo e a estender a mão à palmatória nesse tema onde sua lição é sempre magistral.

Revista del Colégio de Abogados de la Plata, ano XXIII, nºs 41, 42 e 43.

A colaboração desses três exemplares que nos enviaram é variada e valiosa, no campo do direito constitucional e político, direito civil, administrativo, processual, comercial, agrário, econômico. Comparecem às suas páginas os juristas mais representativos do Forum, da Cátedra e da jurisprudência argentinos: Alberto Mensaque, Augusto Morello, Serafin Groppa, Rodolfo Carrara, Carlos Alconada Aramburu, e muitos mais, cujos trabalhos merecem estudo atento.

Na impossibilidade de marginá-los nesta breve resenha, contentamo-nos em apontar o ensaio "Alguns aspectos del control ideológico de los partidos politicos", de Felipe Seisdedos, que gira em torno de assunto bem atualizado para todos os países que, na Latina América, vivem em permanente estado de ebulição constitucional.

Sabe-se que os partidos políticos são imprescindíveis ao funcionamento democrático e o povo também. E a eleição, idem. No *fervet opus* para caldear a decisão democrática é que aparece o problema da legitimidade da representação popular, cujo instrumento fundamental é a Constituição. Nela assenta também o problema do controle ideológico, que não é problema numa democracia que, constitucionalmente, começa por dizer ao cidadão que ele tem o direito de pensar como entender.

"As formas de Estado e de Governo se *adotam* e se *adaptam* segundo o estabelece a presente Constituição" (Argentina) — e esse trabalho de adaptação é obra da atividade política, conforme todos sabem, mediante o controle ideológico-programático dos partidos. O autor chama essa operação de *suicídio dialético.*

Não cabe aqui seguir as modalidades desse suicídio — porque o ensaio cita desde o Sr. Biscaretti de Ruffia ao Prof. Maurice Duverger, todos conspícuos no debate dos temas constitucionais. Conclui, perspicazmente, que todo regime político deve limitar o controle ideológico-programático à exigência do pluripartidarismo. E daí?

Camargo, Aspásia & Góes, Wálder de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias.* Prefácio de Carlos Castelo Branco, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. Notas, ilustrações, apêndices, índices. 757 p.*

Este sólido depoimento não é nem memória nem autobiografia, mas combina os melhores aspectos dos dois. Representa um largo avanço em relação às memórias de Góis Monteiro, ditadas a Lourival Coutinho, um *Boswell*[1] superficial, porque a entrevistadora de Cordeiro, a historiadora Aspásia Camargo, fez perguntas agudas e bem informadas e guardou suas opiniões para si própria. Representa ainda um avanço em relação à autobiografia de Juarez Távora, porque as reflexões de Cordeiro foram estimuladas por uma hábil argüidora.

O que resultou de mais de 90 horas de entrevistas é uma descrição valiosa e comoventemente crítica das metamorfoses por que passou o Brasil durante os últimos 60 anos, feita por um homem que assistiu a todas. Ele foi um

* Resenha de Peter Seaborne Smith, da Universidade de Waterloo. Transcrita do *Hispanic American Historical Review,* University of New Mexico. Albuquerque NM-8713. Tradução de Lucia Hipólito, e pesquisa.

[1] *Boswell* — aquele que, por admiração ou devoção ao personagem, registra em pormenores a vida, conversações, sentimentos íntimos e relações pessoais de um contemporâneo famoso ou significativo. Derivado de James Boswell (1740-95), advogado e biógrafo escocês, pela riqueza de detalhes em primeira mão de seu livro sobre a vida de Samuel Johnson (lexicógrafo, crítico e *conversationalist* inglês, falecido em 1794) — *The life of Johnson* (1791, 2 v.) — considerado uma obra capital entre as biografias.
Fontes: *Webster Dictionary; Enciclopaedia Britannica.*

tenente, um conspirador na Revolução de 30, lutou contra São Paulo em 1932 e contra os rebeldes de 1935 e 1938; comandou a artilharia da Força Expedicionária Brasileira na Itália; ajudou a depor Vargas em 1945; foi ativo como soldado e como político durante os 20 anos subseqüentes; conspirou para depor Goulart em 1964; foi o primeiro ministro do Interior no Brasil sob o governo Castelo Branco; e continuou a se envolver nos assuntos do governo até sua morte no início de 1981.

Não surpreende que Cordeiro tenha discorrido longamente sobre os acontecimentos que o afetaram mais diretamente. O primeiro foi a Coluna Prestes, no qual ele participou do início ao fim, e o segundo foi a campanha da Itália. Nos dois casos, ele estava lutando e, sendo um soldado, gostou disso. Ele admite espontaneamente que estes dois eventos tiveram profunda influência política na sua vida, atraindo-o para as intervenções de 1930, 1945 e 1964 como um vigoroso conspirador e participante.

O homem que emerge deste testemunho é difícil de se definir. Um homem que esteve freqüentemente no centro de importantes acontecimentos repetidamente se retrata (e a outros) como um intermediário ou moderador; um papel valioso, é verdade, mas autodiminuído de maneira quase suspeita. (Ele ascendeu rapidamente na carreira a partir de 1930; foi um oficial brilhante, um oficial útil, ou ambos?) Quando estava na moda ser um rebelde, ele o foi; quando não estava, não o foi. Toda ação importante que ele realizou estava de acordo com os tempos; isto lhe permitiu esquivar-se, durante a entrevista, de perguntas sobre motivações, o que ele fez várias vezes.

O que o livro nos dá é, segundo as próprias palavras de Cordeiro, "a minha versão dos fatos". Esta versão é, entretanto, extremamente importante porque é às vezes bastante reveladora, particularmente sobre pessoas. Ele foi sempre franco, até mesmo um crítico severo, em suas avaliações sobre pessoas que conheceu; não foi descortês sobre aqueles que não conhecia bem.

O livro é fartamente ilustrado e contém mais de 100 páginas de documentos de apoio. Trata-se de um trabalho muito importante, mas para um estudioso bem informado sobre o Brasil no século XX.

O BELTRÃO MANDOU.

Mandou desburocratizar o país. Mandou economizar o papelório.
Leia e desburocratize, você também, as comunicações na sua empresa.

